

# “ANANKE” EM O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO: DESAMPARO E COMPROMISSO ÉTICO

Vincenzo Di Matteo\*

*“Eros e Ananke [Amor e Necessidade] se tornaram os pais também da civilização humana.”*

Freud<sup>1</sup>

*O Mal-estar na Civilização* é, sem dúvida, um livro polêmico e desconcertante. Polêmico, não apenas por abordar temas de difícil acordo consensual, tais como, civilização, religião, felicidade, sentido da vida, sexo, droga, agressividade, culpa, antisemitismo, origens da cultura, relações de trabalho, propriedade privada etc. ..., mas também e sobretudo porque são analisados de uma maneira aparentemente superficial. Freud, de fato, não quer dialogar com teólogos, filósofos, teóricos marxistas, antropólogos, sociólogos, cientistas políticos. Privilegia, por exemplo, o sentido comum de religião<sup>2</sup>, de civilização<sup>3</sup>, do marxismo<sup>4</sup>, o que torna os temas vulneráveis às críticas decorrentes de uma abordagem mais precisa.

---

\* Vincenzo Di Matteo é Professor do Departamento de Filosofia da UFPE.

<sup>1</sup> FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Cinco lições da psicanálise; A história do movimento psicanalítico; O futuro de uma ilusão; O mal-estar na civilização; Esboço de psicanálise*. Rio de Janeiro : Abril Cultural, 1978, p. 159.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 138-139.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 156.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 168-169.

Desconcertante, porque após criticar a crença religiosa em geral<sup>5</sup>, a fé cristã em particular<sup>6</sup>, especialmente o mandamento de amar o outro como a si mesmo<sup>7</sup>, a pretensão culturalista de explicar os males sociais como decorrentes apenas da civilização<sup>8</sup> e a visão equivocada da natureza humana subjacente ao projeto comunista da luta de classe<sup>9</sup>, Freud não tem alternativas a oferecer, menos ainda consolo<sup>10</sup>. No fim da leitura, resta um certo sabor amargo ao descobrimos que o homem, “deus protético”, é um deus infeliz<sup>11</sup>. Frustrado na sua sexualidade e culpado pela sua agressividade, impotente diante de uma luta que se trava dentro e fora dele entre os dois gigantes Eros e Tânatos, só lhe resta invocar ou evocar a ‘eíapopeia’ da infância para apaziguar o medo<sup>12</sup> ou torcer para que “o eterno Eros desdobre suas forças para se firmar na luta com seu não menos imortal adversário [Tânatos]”<sup>13</sup>.

Essa infelicidade estrutural do homem, que nasce e se realimenta de sua condição natural de desamparo, assume toda a sua dramaticidade quando confrontada com a figura ‘misteriosa’ de Ananke, terrível e inexorável, mas à qual somos devedores por ser, junto com Eros, ‘pai da civilização’.

Por que privilegiar a problemática da Necessidade (Ananke), na análise do texto de Freud? As razões se situam na ordem de um desejo e de uma preocupação teórica. O desejo é de resgatar um tema de *O mal-estar na civilização* que habitualmente é ofuscado por outras questões mais chamativas como Eros, Tanatos, Civilização, Felicidade, Superego cultural, Ética etc. ...

<sup>5</sup> Ibidem, especialmente o cap. I.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 149.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 165ss; p. 192.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 163.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 168-169.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 193-194.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 152-153.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 175.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 194.

A preocupação teórica é de apropriar-se criticamente da herança freudiana. O “apropriar-se” remete à necessidade, tanto para uma prática clínica quanto para uma atividade filosofante, de confrontar-se daqui para frente com a metapsicologia freudiana para uma melhor compreensão do homem. O “criticamente”, à exigência de uma tradução mais rigorosa da linguagem com a qual foi dita a teoria psicanalítica.

*O Mal-estar na Civilização*, por exemplo, é um livro onde predomina uma certa linguagem inspirada na literatura romântica. O estilo e a especulação se aproximam mais da tradição filosófica de um Empédocles ou da tradição romântica de um Goethe, do que da tradição científica de um Helmholtz ou de um Brücke. Prova disso são as três grandes figuras míticas de Eros, Tanatos e Ananke que, junto de outra figura não menos misteriosa, a de “Civilização”, regem os destinos dos homens e da história. Será possível traduzir esta linguagem metafórica numa linguagem que vise um maior rigor conceitual?

É o que nos propomos ao procurar identificar no texto de *O mal-estar na civilização* os vários sentidos de que é portadora a inexorável deusa Ananke. Espera-se que o que se perde em riqueza de significância metafórica se ganhe em precisão de conceitos teóricos.

Desdobramos o trabalho em três momentos. No primeiro, levantaremos uma problemática de fundo decorrente do “gênero literário” do livro *O mal-estar na civilização*. É evidente que o conceito de Ananke dependerá da chave de leitura que adotarmos. Estamos diante de um ensaio filosófico, de uma psicanálise aplicada, ou de visão sistêmica e metapsicológica da cultura?

Num segundo momento, pretendemos realizar um rastreamento dos vários significantes conexos com o significante chave “Ananke” e ver se existe uma chave de leitura privilegiada que permita uma interpretação mais coerente e orgânica com o tema central e demais temas correlatos. Enfim, procederemos a

algumas inferências que as análises anteriores nos parecem justificar, tentando articular o tema do desamparo humano frente a Ananke com as duas atitudes básicas que podemos assumir diante dela: resignação estoica e compromisso ético.

## 1. Como Ler o "Mal-estar" e "Ananke"?

Antes de analisarmos a Ananke freudiana, uma pergunta prévia se impõe: Como ler o "Mal-estar"? Qual a chave de leitura – se existe – que possibilitaria uma melhor compreensão do texto freudiano como um todo e do conceito de Ananke na sua articulação orgânica com o tema central do livro e das outras teses colaterais? Em suma e em outras palavras: qual "o gênero literário" do livro?

### 1.1 – Um Ensaio Filosófico?

Conhecemos, através de E. Jones, de P. Gay e de uma carta de Freud endereçada a Lou Andreas Salomé, o contexto em que o livro foi escrito, o lugar e as condições de espírito de Freud, e o julgamento crítico do autor sobre o texto<sup>14</sup>.

Época: julho de 1929. Freud está de veraneio na Bavária e não dispõe de biblioteca. Sem mais firmeza na pernas para longas caminhadas, nem interesse pela leitura, nem mesmo uma necessidade interior para escrever como antigamente, não agüentando passar o dia inteiro fumando ou jogando cartas, entrega-se ao "prazer" de escrever. Sua avaliação pessoal sobre o livro não é muito positiva. No próprio texto de *O mal-estar na civilização* se desculpa a todo momento por dizer coisas sem muita

originalidade<sup>15</sup>. Confessa a Lou Andreas Salomé ter descoberto apenas 'verdades banais'<sup>16</sup>. Numa carta a E. Jones julga que o livrinho foi escrito numa "base essencialmente diletante" com "uma investigação analítica muito delgada"<sup>17</sup>.

Além disso, a publicação do livro fez ressurgir as discordâncias de outros psicanalistas quanto à pulsão de morte, cuja teoria estaria mais próxima de uma especulação filosófica do que de uma exigência clínica<sup>18</sup>. Freud responde a essas críticas mais com afirmações do que com argumentos: "não posso mais prosseguir sem a admissão dessa pulsão [de morte] fundamental, seja psicológica ou biologizante"<sup>19</sup>.

Mais ainda. O estilo e a estrutura do texto em quase nada se parecem com os artigos de metapsicologia. As metáforas que encontramos no início do capítulo oitavo (perdão, guia, fim de jornada, regiões ásperas, desconfortáveis 'detours') evocam um caminhar lento, quase indeciso. As investigações sobre as causas do mal-estar avançam e recuam até que só no fim o 'guia' confessa onde queria nos levar: "minha intenção [...] representar o sentimento de culpa como o mais importante problema no desenvolvimento da civilização, e de demonstrar que o preço que pagamos por nosso avanço em termos de civilização é uma perda da felicidade pela intensificação do sentimento de culpa"<sup>20</sup>. Em

<sup>15</sup> FREUD, S. *O Mal-estar na civilização*. O.c., p.148; 156; 171; 178 (nota 70).

<sup>16</sup> Freud, S. *Correspondance: 1873-1939*. Paris : Gallimard, 1966, p.425.

<sup>17</sup> JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. O.c., p.493.

<sup>18</sup> Para Jones, por exemplo, o salto "da agressividade para uma generalização era injustificado (cfr., ibidem, p.500). Já o Pastor Pfister entendia a pulsão de morte como "uma diminuição da força vital e não como uma pulsão propriamente dita". (Cfr. FREUD/PFISTER. *Correspondance de Sigmund Freud avec le pasteur Pfister: 1909-1939*. Gallimard, 1966, p.189).

<sup>19</sup> GAY, P. o.c. p.500; Cfr., também, FREUD, S. *O Mal-estar na civilização*. O.c., p.173.

<sup>20</sup> FREUD, S. *O Mal-estar na civilização*. O.c., p.185.

<sup>14</sup> Cfr., respectivamente, JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro : Zahar, 1979, p.703-707; GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. S. Paulo : Companhia das Letras, 1989, p.492-501; FREUD, S. *Correspondance: 1873-1939*. Gallimard, 1966, p.424-425.

suma, poderíamos concluir com P. Gay: *O Mal-estar* é o livro mais sombrio de Freud e, em alguns aspectos, também o mais inseguro<sup>21</sup>.

Tudo isso nos autorizaria a considerá-lo como um ensaio de natureza especulativo-filosófica? Essa pergunta é pertinente, porque o próprio Freud descreve sua odisséia intelectual como uma volta para a casa da filosofia, após um longo desvio pelo mundo da medicina<sup>22</sup>. Se esta for a chave certa, abrirá um livro onde encontraremos a sabedoria e o pessimismo de um judeu doente que, do alto dos seus 73 anos de vida e de pelo menos 35 anos de prática psicanalítica, perscruta o inquietante horizonte histórico da Europa e seu próprio horizonte existencial com um olhar partido entre a resignação do inexorável que se aproximava e uma tênue esperança no 'divino Eros', esperança que "parece mais uma questão de obrigação do que de convicção"<sup>23</sup>.

Se essa leitura for correta, o "habitat" de Ananke estaria mais próximo do panteon dos mitos gregos, duma Escola filosófica da antigüidade, ou de filósofos modernos como Spinoza e Nietzsche, do que do chão científico no qual Freud quer manter a psicanálise.

## 1.2 – Um Ensaio de Psicanálise Aplicada?

Uma outra chave de leitura parece possível e, talvez, mais plausível: o *Mal-estar* entendido como um ensaio de psicanálise aplicada. Afinal, não era a primeira vez que, instruído pela teoria psicanalítica, Freud se aventurava além fronteira,

fazendo incursões no mundo da arte, da moral e dos ídolos<sup>24</sup>. Por que não deitar no divã a própria cultura?

É nessa direção que parece encaminhar-se E. Jones quando escreve que, em *O mal-estar*, Freud "ofereceu a visão mais completa das suas opiniões no campo da Sociologia, campo este que, como afirmou alhures, 'não pode ser outra coisa senão Psicologia aplicada'<sup>25</sup>. Também P. Gay parece enveredar por essa interpretação quando escreve o seguinte a respeito do *Mal-estar*: "trata-se de uma teoria psicanalítica da política formulada de maneira sucinta. Freud não era um teórico político, assim como não era historiador das religiões ou arqueólogo. Era um psicanalista que aplicava os recursos de seu pensamento às diversas manifestações da natureza humana"<sup>26</sup>. Enfim, o próprio texto não autorizaria essa leitura ao estabelecer uma analogia entre o processo civilizatório e o desenvolvimento libidinal do indivíduo<sup>27</sup>?

Se isso for verdade, podemos tirar pelo menos duas conclusões. Primeiro, que o livro deve ser lido na seqüência de outros ensaios do gênero, como o próprio Freud parece insinuar, reatando *O Mal-estar* com *O futuro de uma ilusão*. Nesse sentido, Ananke poderia simbolizar o mundo sem Deus, privado de uma das ilusões mais fortes que se radicam no desamparo infantil. Segundo, que os sociólogos e os cientistas políticos teriam o discurso competente para avaliar a validade e o alcance das análises freudianas e, neste caso, a significação de Ananke deve ser buscada entre as "leis" férreas que regem o mundo da Economia e da Política.

<sup>24</sup> Cfr. *Delírios e sonhos na "Gradiva" de Jensen*. Vol. IX, p.17ss.; *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. Vol. XI, p.59ss; *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. Vol. IX, 185ss; *Totem e tabu*. Vol. XIII, 13ss; *Atos obsessivos e práticas religiosas*. Vol. IX, 173ss; *O futuro de uma ilusão*. Vol. XXI, 13ss.

<sup>25</sup> JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. O.c., p.704.

<sup>26</sup> GAY, P. *Freud*. O.c., p.496.

<sup>27</sup> FREUD, S. *O Mal-estar na civilização*. O.c., p.157; 182; 189ss.

<sup>21</sup> GAY, P. *Freud*. O.c., p.483.

<sup>22</sup> FREUD, S. *Um estudo autobiográfico*. Vol. XX, p.90.

<sup>23</sup> GAY, P. *Freud*. O.c., p.501.

### 1.3 – Uma Teoria Metacultural?

Geralmente se apresenta o desenvolvimento dos interesses teóricos de Freud na metáfora de uma caminhada ou conquista que parte da região restrita do patológico para conquistar novas fronteiras, como a do normal, até a última fronteira, a da cultura.

Contrariando esta interpretação, Ricoeur defende a tese de que a problemática da cultura está presente desde o começo nos escritos de Freud. Está convencido de que a psicanálise é “de direito uma interpretação da cultura”<sup>28</sup>. O argumento alegado é que o objeto de investigação da psicanálise

*“não é, como se poderia dizer apressadamente, o desejo humano, o desejo (Wunsch), a libido, a pulsão, Eros..., mas o desejo numa relação mais ou menos conflituál com um mundo da cultura, com um pai e uma mãe, com autoridades, com os imperativos e as interdições, com obras de arte, com objetivos sociais e ídolos. É por isso que, quando Freud escreve sobre arte, morale religião, não estende mais tarde, à realidade cultural uma ciência e uma prática que teriam antes encontrado seu lugar determinado na biologia humana, ou na psicofisiologia; de imediato, sua ciência e sua prática se mantêm no ponto de articulação do desejo e da cultura.”*<sup>29</sup>

Todavia, a interpretação da problemática cultural não será única, nem homogênea, mas acompanhará as reformulações da teoria das pulsões e das tópicas do aparelho psíquico. É por isso que podemos distinguir pelo menos duas interpretações dos fenômenos culturais da arte, da moral, da religião.

Num primeiro momento, o modelo tópico-econômico da metapsicologia freudiana e o exemplo do sonho presidem a interpretação. Haveria uma extensão progressiva do modelo do sonho e da neurose a todas as representações culturais sejam eles os fenômenos estéticos, éticos ou religiosos. Pode-se afirmar, portanto, que a primeira teoria psicanalítica da cultura é “uma psicanálise aplicada”, um subproduto da psicanálise no sentido de que o sonho e a neurose fornecem o modelo explicativo da satisfação disfarçada do desejo<sup>30</sup>.

Com a introdução de Eros e da pulsão de Morte, a concepção simplesmente analógica dos fenômenos da cultura, se transformará numa visão propriamente sistemática e a interpretação da cultura será “muito mais que um subproduto da psicanálise, porque [...] é uma nova econômica de tipo novo que se manifesta: uma libido “as voltas com algo distinto dela, com uma exigência de renúncia...”<sup>31</sup>. De posse de um novo instrumento teórico (a pulsão de morte) Freud nos pôde oferecer uma ‘teoria metacultural’ ao “perceber o sentido da cultura como uma tarefa única, sob a qual se ordenam os fenômenos parciais da arte, da moral e da religião[...]”<sup>32</sup>.

A linguagem, porém, de que se reveste esta segunda teoria da cultura, é de um forte colorido mítico filosófico. A cultura está no meio de uma grande dramaturgia, cujos personagens são Eros, Tanatos e Ananke. Diante da fala muda ou ruidosa da pulsão de morte, a libido mudará de nome e de sentido (Eros) e o princípio de

<sup>28</sup> RICOEUR, P. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro : Imago, 1970, p.12.

<sup>29</sup> RICOEUR, P. *O conflito das interpretações*. Rio de Janeiro : Imago, 1978, p.140.

<sup>30</sup> RICOEUR, P. *Da interpretação*. O.c., p.130.

<sup>31</sup> Ibidem, p.131.

<sup>32</sup> Ibidem, p.217.



realidade assumirá novas significações condensadas no nome também mítico de Ananke.

Se essa for a chave correta para ler *O mal-estar*, a significação de Ananke só é acessível nas seqüência dos vários sentidos de que se reveste o *principio de realidade* até alcançar seu último significado de "Necessidade" a partir da introdução da pulsão de morte.

Na mesma direção se encaminha Lacan quando afirma que *O Mal-estar* não é da ordem de uma reflexão filosófica, mas "uma obra essencial, primeira na compreensão do pensamento freudiano e somação de sua experiência"<sup>33</sup>. O interesse dessa citação é tanto maior porque situada no contexto de abordagem de um tema, o da Ética, que tradicionalmente é considerado um reduto da Filosofia. Interessado em "testar o que a obra de Freud e a experiência da psicanálise que dela decorre trazem de novo" quanto à Ética<sup>34</sup>, Lacan se interroga quanto aos objetivos da psicanálise. Seria de apaziguar a culpa? Ou domar o gozo perverso? Ou oferecer uma mitologia mais palatável da gênese da moral pelo assassinado do pai primordial que engendrou esta figura "obscena e feroz" do superego? É com relação ao superego que Lacan afirma não poder a gênese deste reduzir-se apenas a uma "psicogênese ou sociogênese", mas deve articular-se "sob o registro das relações com o significante e a lei do discurso"<sup>35</sup>. Nesse sentido, é necessário distinguir os conceitos de cultura e de sociedade. As afirmações de Freud não versam sobre a sociedade, isto é, as manifestações históricas da cultura, mas sobre essa última que deve ser entendida como uma noção metapsicológica.

Dentro desta perspectiva, Ananke só poderá ser entendida na sua articulação com os demais conceitos

metapsicológicos, especialmente com a teoria das pulsões na sua reformulação dos anos 20 e a segunda tópica de *O Ego e o Id*.

#### 1.4 – Uma Chave Eclética?

Confrontando as três leituras possíveis, é fácil perceber que as posições de Ricoeur e de Lacan estão muito próximas entre si e, talvez, da verdade. As outras duas podem ser mais vulneráveis às críticas, mas não são totalmente ilegítimas. A idéia de concluir pela legitimidade de todas elas é muito tentadora. A força e a fragilidade desta solução reside na possibilidade de solucionar certas dificuldades do texto, remetendo-as, conforme o caso, ora ao demônio filosófico de Freud não totalmente exorcizado, ora ao seu amadorismo sociológico, ora, enfim, ao impreciso mundo dos conceitos metapsicológicos, plenamente justificado por ser a psicanálise ainda uma ciência muito nova.

Sem querer dirimir essa querela das várias leituras possíveis, julgamos que a rota mais segura é se ancorar inicialmente no próprio texto antes de zarpar para o perigoso mar aberto das interpretações subjetivas. No nosso caso específico, o que o texto realmente autoriza, partindo das passagens onde o termo Ananke aparece?

### 2. Ananke no Mal-estar

Nosso propósito é nos ater apenas ao texto, mas não podemos deixar de tecer algumas rápidas considerações sobre as repercussões da figura de Ananke no homem Freud e na sua obra em geral.

#### 2.1 – Ananke na Vida de Freud

A figura mítica de Ananke é familiar a Freud por duas vertentes: uma teórica, outra existencial. A teórica se liga aos seus

<sup>33</sup> LACAN, J. *Seminário 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro : Zahar, 1991. p.15-16.

<sup>34</sup> Ibidem, p.9.

<sup>35</sup> Ibidem, p.15.

interesses pela cultura grega<sup>36</sup> e à predileção pelo escritor Multatuli, que substituiu o Destino dos gregos pelos deuses gêmeos Logos e Ananke<sup>37</sup>.

A outra vertente existencial diz respeito à sua reconhecida postura estoica frente à vida<sup>38</sup> que não deixa de impressionar, tanto mais que não assentava no quietismo do desespero nem da consolação religiosa, mas num pessimismo lúcido e assumido<sup>39</sup>.

## 2.2 – Ananke na Obra de Freud

Não é de estranhar, portanto, se a realidade e o próprio nome de Ananke aparecem mais de uma vez na sua obra volumosa.

A primeira, encontra-se em *Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância*. Não é difícil perceber seu significado. Ananke é a Natureza, o Universo, o Mundo Externo, regido por leis imanentes e impiedosas. Foi este mundo férreo e implacável, fechado a qualquer transcendência e providência, o mestre silencioso de ateísmo para Leonardo da Vinci. A essa realidade, elevada à dignidade de uma divindade, Leonardo se entregará com uma

<sup>36</sup> E. Jones nos informa que Freud “leu com prazer o Griechische Kulturgeschichte (História Cultural da Grécia) e fazendo anotações paralelas às suas descobertas psicanalíticas”. JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. O.c., p.333.

<sup>37</sup> Multatuli, pseudônimo de E. D. Dekker, é um dos 10 autores preferidos de Freud. Em *O problema econômico do masoquismo*, nos diz que o escritor holandês “substitui Moira [Destino] dos gregos pelo par divino Λογος και Αναγκη [Razão e Necessidade]”. Vol. XIX, da Ed. Standard Brasileira, p.210.

<sup>38</sup> Numa carta a Ferenczi, em 1910, Freud insinua que o lema que norteia sua vida é “Fatum & Ananke”. Cfr. JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. O.c., p.552.

<sup>39</sup> Cfr. FREUD/PFISTER. *Correspondance*. O.c., p.191.

disposição de espírito, correlativa à do homem de fé: a conformação às suas leis naturais. Nesta entrega sem consolação, encontrará a sabedoria<sup>40</sup>.

A segunda, aparece em *Totem e Tabu*. Aqui também o contexto permite traduzir com facilidade a metáfora da Ananke, como uma realidade inexorável, intransponível, materializada na experiência da morte, colocando em cheque o narcisismo humano<sup>41</sup>.

Reencontraremos a palavra Ananke em *O Problema econômico do masoquismo*, já como sinônimo do “poder sombrio do Destino, que apenas poucos dentre nós são capazes de encarar como impessoal”<sup>42</sup>.

Três anos mais tarde, na obra *O futuro de uma ilusão* encontraremos o irmão gêmeo de Ananke, o deus que não mente, Logos, o único deus capaz de expulsar definitivamente o Deus da consolação e da ilusão para nos devolver, através da ciência, a realidade dessacralizada e desmistificada<sup>43</sup>.

Finalmente, o termo Ananke reaparece por duas vezes em *O Mal-estar na civilização*. Tanto no capítulo IV, quanto no último, Ananke é um aliado de Eros. Ambos são os “pais da civilização” na sua origem e no seu desenvolvimento<sup>44</sup>.

Partiremos destas duas passagens para rastrear outros significantes correlacionados. Tentaremos articular esses termos e conceitos com o de Eros e de Tanatos, tendo presente a dinâmica interna do texto de Freud.

<sup>40</sup> Cfr. FREUD, S. *Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância*. Vol. XIV, p.114.

<sup>41</sup> Cfr. FREUD, S. *Totem e Tabu*. Vol. XIII, p.116.

<sup>42</sup> FREUD, S. *O problema econômico do masoquismo*. Vol. XIX, 210.

<sup>43</sup> Cfr. FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Vol. XXI, p.69.

<sup>44</sup> Cfr. FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. O.c., p.159 e 189.

## 2.3 – Ananke na Dinâmica Interna do *Mal-estar*

O livro é fundamentalmente uma busca das causas que determinam nosso descontentamento e infelicidade na civilização. A resposta é formulada através de um duplo discurso que se articula inicialmente com a figura mítica de Eros e, depois, com a de Tanatos.

O primeiro discurso, portanto, gira em torno de uma erótica. O mal estar decorreria das proibições da cultura ao incesto, à sexualidade polimorfa e perversa e das restrições à própria sexualidade genital, de fato mais tolerada do que permitida<sup>45</sup>.

As tensões entre indivíduos e cultura são reais, mas não parecem totalmente intransponíveis. É com a introdução, a partir do cap. V, do mandamento absurdo de amar o próximo que irrompe o irracional da agressividade e da destrutividade. A pulsão de morte, uma "pulsão original e auto-sussistente"<sup>46</sup>, ameaça irremediavelmente a possibilidade de felicidade dentro da cultura. O mal estar é o preço que é necessário pagar para que a civilização se torne possível e se desenvolva<sup>47</sup>. Decorre de um sentimento de culpa inconsciente, filho de uma agressividade que a cultura, pelo superego cultural, consegue colocar a serviço de Eros, devolvendo-a contra o próprio indivíduo. Mas onde entra em tudo isso Ananke?

### 2.3.1 – Ananke: O Significante Chave

Nas duas passagens já mencionadas, Ananke está relacionada com a "compulsão para o trabalho", "a necessidade externa" e com uma tarefa ou função de paternidade: junto com Eros, unir os homens num projeto civilizatório.

<sup>45</sup> Cfr. ibidem, p.161-162.

<sup>46</sup> Ibidem, p.175.

<sup>47</sup> Cfr. ibidem, p.185.

Existem, portanto, duas pistas que podemos seguir para descobrir a cadeia de significantes que permitam uma melhor compreensão do conteúdo ideacional e emocional condensado no significante mor. Uma, rastreando as passagens onde aparece o tema da "realidade externa", da "necessidade", do "trabalho", da tecnologia, como expressão do domínio humano sobre a natureza. Outra, observando a correlação de forças que existe entre Eros e Ananke apesar de serem aliados na guerra contra Tânatos. Enfim, uma terceira pista pode ser trilhada, seguindo os estragos que a pulsão de morte consegue realizar ao perpassar a relação que os homens mantêm com o mundo externo, pela mediação do trabalho.

### 2.3.2 – Ananke e "Realidade Externa"

O primeiro conteúdo ideacional que podemos identificar sob a figura mítica de Ananke é o que vem coincidir com o "temível mundo externo"<sup>48</sup>, o mundo "estranho e ameaçador"<sup>49</sup>, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição "esmagadoras e impiedosas"<sup>50</sup> e diante do qual só resta "nos submeter ao inevitável"<sup>51</sup>.

Esse mundo ameaçador atende também pelo nome de Destino, de Infortúnio, de Má sorte, de Frustração externa<sup>52</sup>. Não apenas ignora, mas até se opõe à demanda humana de prazer. A 'Criação' está desprovida de qualquer propósito que inclua a felicidade do homem<sup>53</sup>. Dotado de uma dinâmica própria, o mundo externo obedece apenas a leis físicas, não éticas. Não é providente. É o mundo cego, o caos ameaçador. Daí o surgimento de um 'sentimento oceânico e a idéia de unidade do universo como "uma

<sup>48</sup> Ibidem, p.142.

<sup>49</sup> Ibidem, p.134.

<sup>50</sup> Ibidem, p.141.

<sup>51</sup> Ibidem, p.148.

<sup>52</sup> Cfr., respectivamente, ibidem p.137, 143, 145, 178, 179.

<sup>53</sup> Cfr. ibidem, p.141.



primeira tentativa de consolação religiosa, como se configurasse uma outra maneira de rejeitar o perigo que o ego reconhece a ameaçá-lo a partir do mundo externo"<sup>54</sup>.

### 2.3.3 – Ananke e Trabalho

O mundo externo, como mundo da necessidade, é imediatamente percebido pelo homem a partir da fome<sup>55</sup> que grita dentro dele e do trabalho que vai tentar silenciá-la. Ananke é pai da cultura precisamente porque força os homens a se unirem para enfrentá-lo.

Frente ao desafio de um mundo percebido como necessidade e destino só resta ao homem uma única saída verdadeiramente válida: "tornar-se membro da comunidade humana e, com o auxílio de uma técnica orientada pela ciência, passar para o ataque à natureza e sujeitá-la à vontade humana. Trabalha-se, então com todos para o bem de todos"<sup>56</sup>.

É por isso que o trabalho é a mais bem sucedida (ou a menos malograda) das técnicas da arte de viver para encarar a dura face de Ananke que nos ameaça pela fome, pelo sofrimento, pela doença e pela morte. É ele que nos pode prender firmemente tanto ao mundo real, quanto a uma comunidade humana. O Problema surge a partir de uma constatação que Freud, viciado em trabalho, não pode deixar de reconhecer: existe uma 'natural aversão' ao trabalho e "a grande maioria das pessoas só trabalha sob pressão da necessidade"<sup>57</sup>. Ananke, enquanto símbolo da necessidade do trabalho, não conseguirá sozinha garantir a unidade e a felicidade dos homens, revelando assim sua fraqueza tanto com relação a Eros, quanto com relação à cultura.

### 2.3.4 – Ananke e Eros

O domínio da natureza através do trabalho e da tecnologia não garante por si só nossa felicidade e nossa permanência num projeto civilizatório comum. "O poder sobre a natureza não constitui a *única* pré-condição da felicidade humana, assim como não é o *único* objetivo do esforço cultural"<sup>58</sup>. O útil não será suficientemente sedutor para garantir a convivência de companheiros de trabalho<sup>59</sup>. Se, num primeiro momento, o poder de Ananke é equiparado ao de Eros na função geradora da cultura, aos poucos, porém, percebemos que a correlação de forças se altera. A cultura é mais obra de Eros do que de Ananke<sup>60</sup>.

Talvez por causa desta posição subalterna, ela se revela como a divindade mais fraca da trindade mítica. A luta pela vida, pela felicidade e pela união entre os homens será fundamentalmente travada por Eros e apenas "incentivada" por Ananke<sup>61</sup>. Espremido entre os dois "gigantes", encontrará as resistência de Eros ao trabalho<sup>62</sup> e o envenenamento das relações de trabalho por parte de Tanatos.

Seu poder, porém, não pode ser menosprezado. As pretensões de Eros à felicidade esbarram na dureza e insensibilidade do mundo externo. Sob influência desse último, "o próprio princípio do prazer [...] se transforma no mais modesto princípio de realidade"<sup>63</sup>, cujo objetivo em relação à felicidade é mais evitar o sofrimento do que proporcionar prazer.

Além disso, pelo erotismo genital, tornou Eros seu refém. O homem se revela extremamente vulnerável ao sofrimento pela possibilidade de perda do objeto amado. "Nunca – escreve

<sup>58</sup> Ibidem, p.149.

<sup>59</sup> Cfr. ibidem, p.175.

<sup>60</sup> Cfr. ibidem, p.160.

<sup>61</sup> Ibidem, p.189.

<sup>62</sup> Cfr. ibidem, p.164.

<sup>63</sup> Ibidem, p.141.

<sup>54</sup> Ibidem, p.138.

<sup>55</sup> Cfr. ibidem, p.171.

<sup>56</sup> Ibidem., p.142.

<sup>57</sup> Ibidem, p.144 (nota 17).